

# Asilos de Velhos: passado e presente

Daniel Groisman<sup>1</sup>

## **Resumo**

Neste artigo é abordada a “história da velhice”, assunto muito pouco estudado no Brasil. Privilegiando uma questão específica, o surgimento do asilo de velhos na cidade do Rio de Janeiro no início do século, esta pesquisa recai sobre o desenvolvimento de uma instituição singular, o *Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada*. O surgimento do Asilo São Luiz foi motivo para uma série de reportagens nos jornais da época. Acompanhando esse movimento, é possível vislumbrar o surgimento de uma série de imagens e estereótipos da velhice. Lidando com essas representações, mostramos como o asilo se tornou uma peça importante no processo de construção social da velhice.

*Palavras-Chave:* asilos; velhos.

## **Abstract**

This paper deals with the “history of old age”, issue that has been very scantily studied in Brazil. The focus of our research is the appearance of homes for the elderly in Rio de Janeiro in the beginning of the century, with specific reference to the development of an unique institution - the *Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada* (Saint Louis Home for the Old and Lonely). The appearance of the Asilo São Luiz gave rise to a series of newspaper reports at the time. In studying this public facet of the institutionalization of old age, an attempt is made to perceive a series of accompanying social images. In dealing with these images, it is shown how the old-age home became an important part of the process of the social construction of old age.

*Key-Words:* homes for the elderly.

---

<sup>1</sup> Mestre em Saúde Coletiva (IMS-UERJ), psicólogo e pesquisador do CDA/PUB-UFRJ.  
*E-mail:* dgroisman@openlink.com.br

## 1 Introdução: a historicidade da velhice

Em 1972, O Dr. Roberto Vilaro publicou um artigo na revista **Promoção Social** sobre um tema muito pouco abordado: o envelhecimento. O assunto era de tamanha novidade que, antes de iniciar o artigo propriamente dito (sobre os aspectos psiquiátricos da velhice), o editor do periódico fazia uma espécie de prefácio, no qual explicava o porquê de se estar escrevendo sobre a velhice, tema que havia, até então, interessado a pouquíssima gente. “O país só conta trinta e quatro *gerontologistas*.” afirmava o editor, que explicava: em um país com 100 milhões de habitantes, só existem “34 médicos especialistas em Geriatria e Gerontologia, isto é, *males da velhice*.” No Brasil dos anos 70, era preciso divulgar e explicar o que eram a Geriatria e a Gerontologia. A velhice mobilizava interesses, mas de poucos, aparentemente.

Nos 25 anos que se seguiram à publicação do artigo, tal quadro se transformaria. Pode-se dizer que, no Brasil, os anos 90 assistem a uma espécie de “boom gerontológico”. Convertida em matéria de interesse público, a velhice vem sendo cada vez mais abordada pela mídia, que abriu espaço para um crescente número de especialistas e de serviços voltados para essa *faixa etária*. A *terceira idade* tornou-se uma espécie de moda, com a constituição de um mercado de consumo específico. Os geriatras e gerontólogos se multiplicaram em progressão geométrica. Se, por ventura, resolvesse publicar de novo sobre a velhice, a revista **Promoção Social** poderia abandonar o tom queixoso, pois a tarefa de contar os especialistas em envelhecimento não seria tão fácil. O *Ano Nacional do Idoso*, 1999, parece expressar bem este novo momento da história da velhice. Como explicar tal transformação?

As mudanças nas formas de se representar a velhice parecem expressar o surgimento de um “novo” problema social: o envelhecimento da população brasileira. A razão geralmente atribuída à esta transformação da velhice em questão pública, e que parece estar na base de boa parte do discurso gerontológico — é justamente o crescimento do número de idosos, em comparação com outros segmentos etários. Porém, deve-se concordar com Debert (1994), no sentido de que a transformação da velhice em problema social não pode ser compreendida unicamente como um resultado mecânico de modificações demográficas: *um problema social é, antes de mais nada,*

*uma construção social*. Desta forma, devemos supor que há outros ingredientes envolvidos no processo de transformação da velhice em um problema de visibilidade pública. Ingredientes que talvez tenham começado a se misturar muito antes do Dr. Vilar do escrever o seu artigo...

A idéia de uma história da velhice parte do pressuposto de que as formas com que são distribuídas e significadas as diferenças etárias, na sociedade, variam de acordo com o tempo e a cultura. Assim como na abordagem de Phillippe Ariès (1981), que relativizou a noção de infância, é possível pensar, também, a velhice como estando intimamente relacionada a processos sociais. A historicidade da velhice tem sido trabalhada por alguns autores da chamada *antropologia do envelhecimento*, como Lawrence Cohen (1994) Annette Leibing (1997, 1999) e Stephen Katz (1996). De uma maneira geral considera-se que o período conhecido como a “virada do século”, isto é, as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, foi um momento privilegiado para as investigações sobre o tema. Se dos anos 60 aos anos 90 a velhice transformou-se em questão pública, isto se deve a um processo anterior, que começou a se delinear muitos anos antes.

As idéias de Stephen Katz (1996) são de extrema valia para esta reflexão. Segundo este autor, a história da velhice necessariamente se relaciona a uma *história do curso de vida moderno*. Toda sociedade tem uma forma de divisão do curso de vida e usa de algum modo a idade - seja cronológica ou não - para demarcar diferentes status sociais. Para Katz (1996), o curso de vida moderno seria diferente daqueles do passado - ou de sociedades não ocidentais - porque a relevância do próprio curso de vida como instituição social cresceu consideravelmente. Neste sentido, o atributo “idade” teria aumentado de importância em relação a outros atributos considerados tradicionais, como parentesco, status social ou lugar de origem. Deste modo, a idade tornou-se institucionalizada, determinando a inclusão do indivíduo em novos papéis sociais.

Uma análise crítica, portanto, deve procurar reconectar a construção dos estágios do curso de vida com os processos econômicos, culturais e burocráticos que distribuíram as diferenças da idade pela sociedade. Sob este prisma, a velhice será aqui considerada como uma etapa que se diferenciou e

ganhou contornos próprios em um dado momento histórico, no processo de construção do curso de vida moderno<sup>2</sup>. Katz (1996) chama de “tecnologias de diferenciação” aos mecanismos que, na virada do século, operaram no sentido de redefinir o curso de vida, na direção de uma formulação pública e institucional da “velhice” como um estágio distinto da vida e dos velhos como um grupo social específico, uma população. Três tecnologias de diferenciação podem ser consideradas importantes para as investigações históricas. A primeira delas: a constituição de um discurso científico sobre o envelhecimento. A Geriatria e a Gerontologia surgiram enquanto especialidades médicas no início do século XX. Entretanto, uma série de modificações na forma como a Medicina percebia a doença e o corpo envelhecido, nos séculos XVIII e XIX, constituíram um saber pré-geriátrico, que tem sido referido como um *discurso sobre a senescência*. A segunda tecnologia de diferenciação: o surgimento das pensões e aposentadorias, que contribuíram para tornar o fator “idade” como determinante de um novo status econômico e social para o indivíduo. A terceira: os asilos de velhos, assunto que trataremos mais detalhadamente neste artigo. Qual seria o papel dos asilos de velhos na história da velhice no Brasil?

## 2 A Pesquisa

O material analisado neste artigo é parte dos resultados da pesquisa realizada durante dissertação de mestrado, **A Infância do Asilo** (1999). Teve como objetivo investigar historicamente a constituição do campo das instituições para velhos, no Rio de Janeiro da “virada do século” - na época a capital econômica, cultural e política do país. A história da velhice no Brasil é um campo ainda praticamente inexplorado. Para a pesquisa, foi necessário perseguir fontes primárias e, tendo encontrado um material raro e inédito, em parte reproduzido no decorrer desta contribuição.

O rastreamento das fontes conduziu à escolha de uma instituição singular para foco da pesquisa, o *Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada*, cuja história é relatada desde sua fundação, em 1890, até meados da década de 20, quando a instituição passava por um intenso processo de modernização.

---

<sup>2</sup> Uma análise mais aprofundada dessa discussão está publicada em Groisman (1999b).

Diversos aspectos dessa instituição foram analisados, como a sua relação com o Estado, a Igreja e a sociedade civil, os princípios que norteavam o planejamento das suas instalações, a prática da medicina no asilo e o perfil dos asilados. Há, no entanto, um último aspecto, cuja análise será privilegiada neste artigo: as imagens sociais da velhice e do asilo de velhos.

O *Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada* não foi uma instituição qualquer, mas uma instituição modelo para a sua época. Fundado por um proeminente homem de negócios da sociedade carioca, o Visconde Ferreira de Almeida, rapidamente passou a receber subvenções públicas e a contar com o apoio de uma ordem de freiras Franciscanas que cedia irmãs para cuidar dos asilados. Em pouco mais de três décadas, ampliou enormemente sua capacidade, inicialmente de 45 leitos, em 1892, para 260 leitos, em 1925. Para tanto, ampliou e modernizou suas instalações, numa série de obras financiadas com o dinheiro das subvenções e dos inúmeros donativos que a instituição recebia.

No entanto, talvez o mais interessante de sua história seja a visibilidade social que a nova instituição alcançou. O rápido desenvolvimento do Asilo São Luiz parece ter sido acompanhado pelo surgimento de novas representações sociais da velhice. A maior evidência disso são as inúmeras notícias de jornal que, no início do século, tiveram como objeto o Asilo. Tais notícias revelam não apenas a maneira como era socialmente representado o asilo, mas também imagens sobre a própria “velhice”.<sup>3</sup> Em nenhum outro lugar da cidade a velhice estava reunida como no São Luiz e, nesse sentido, o asilo parece ter se tornado um locus privilegiado para a elaboração de representações sociais sobre o envelhecimento. A institucionalização da velhice foi acompanhada de muita divulgação e, através dos jornais, ultrapassou os muros do asilo, incorporando-se ao imaginário social. São estas imagens que serão analisadas a seguir.

### **3 Imagens da Velhice: os naufragos da vida**

O **Jornal do Brazil**, naquele dia do fim do ano de 1908, trouxe em

<sup>3</sup> Estas notícias ficaram preservadas em um álbum, na instituição. Organizado de forma cronológica, possui notícias publicadas entre 1896 e 1922. Algumas estão identificadas de forma incompleta, as vezes não possuindo o nome do jornal ou tendo somente o ano em que saíram anotado ao lado. O Asilo São Luiz ainda existe, hoje em dia, tendo mudado seu nome para Casa São Luiz para a Velhice.

uma de suas notícias a narrativa de uma visita ao Asilo São Luiz. Escrito na primeira pessoa, o relato se inicia quando o narrador ainda se encontra no bonde, observando a paisagem. Aproximando-se do seu destino, narra suas reflexões:

*“( . . . ) no domingo, o dia desde cedo mostrou-se belo, claro e alegre. Dispus-me a ir até a praia do Caju, o local onde estão reunidos diversos cemitérios. ( . . . ) O bonde passa ligeiro, por esse canto da cidade. A praia do Caju é um local cheio de contrastes, que impressionam vivamente. De um lado, o cemitério, com sua aparente expressão de morte: do outro, o mar, a baía, onde as lanchas apitam, as barcas passam velozes, os navios despejam e recebem cargas. De um lado, o aspecto de paralisia e morte, do outro, a vida intensa, a agitação constante. Um perfeito contraste”<sup>4</sup>*

Nesse ponto, porém, os devaneios do nosso narrador são subitamente interrompidos. Entre o mar e o cemitério, ele avista o destino de sua viagem:

*“( . . . ) o visitante olha, repara, e tem uma impressão de tristeza, de algo que ao longe lhe anuncia qualquer coisa. A praia do Caju termina com uma elevação pronunciada. No cimo está edificado um vistoso e grande edifício. Olhando o mar, olhando a terra, olhando o cemitério, esta casa parece mais um castelo feudal, invocando recordações de distantes épocas. Dentro dela quem habita?”<sup>5</sup>*

O jornalista compartilha a sua curiosidade com os leitores. É preciso apresentar a eles aquela casa, esclarecendo a quem se destina. E assim continua seu relato:

---

<sup>45</sup> “NA PONTA do Cajú - o Asylo São Luiz”. *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, 1908.

*“Fui até sua entrada e perguntei: que casa é esta ? O Asilo São Luiz, respondeu-me uma voz sumida ( . . . ) Não é no Asilo São Luiz que a velhice desamparada encontra a caridade ? Sim, é aqui, disse a boa e delicada freira ( . . . ). É aqui que noite e dia olhamos esses desventurados, estas desiludidas criaturas”.<sup>6</sup>*

As imagens do asilo, nos jornais, eram carregadas de simbolismo. Muito mais do que descritivas, as notícias parecem ter se tornado veículos para a expressão de uma série de modos de se ver a velhice. Entretanto, as notícias também estavam relacionadas às necessidades da instituição. Nesse sentido, os jornais parecem ter se constituído em veículo privilegiado para a comunicação entre o asilo e a sociedade, desempenhando um importante papel em auxiliar a instituição na busca de donativos ou verbas públicas. A eleição da velhice, enquanto alvo de uma prática assistencial, se insere no contexto da filantropia, em uma época em que a sociedade estava preocupada em assistir aos “realmente” necessitados e coibir aqueles que, sendo capazes de produzir, “se aproveitavam” da caridade alheia. Desse modo, as notícias de jornal buscavam sensibilizar a população para o *drama* da velhice desamparada, diferenciando-a de outros segmentos da população pobre.<sup>7</sup>

A assistência social, no início do século, era um terreno bastante complicado. Ao mesmo tempo em que as instituições filantrópicas floresciam, a população nutria sentimentos bastante ambivalentes em relação à pobreza urbana. Era preciso definir aqueles que realmente mereciam e deveriam ser assistidos segundo critérios que visassem a preservação da ordem e combatessem a ociosidade e os “vícios” que caracterizavam a vadiagem.

A dicotomia entre bons e maus elementos, entre aqueles que seriam

---

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Esta discussão é contextualizada de forma detalhada na dissertação (Groisman, 1999a). O surgimento da institucionalização da velhice parece estar em parte relacionado ao desenvolvimento das ações e práticas institucionais de assistência à pobreza, ao longo do século XIX. A separação dos que seriam “legitimamente” necessitados - crianças, mulheres e velhos - daqueles considerados válidos para o trabalho - os “vadios” - e portanto passíveis de recuperação e/ou punição se evidenciou ao longo do século XIX, com a crítica que a filantropia passou a fazer sobre a caridade e com a constituição do higienismo social. Sobre isso ver também Fraga Filho (1996) e Machado (1978).

amparados e os que seriam reprimidos, parece ser um dos aspectos que influenciou a formação das imagens da velhice asilada. Era preciso sensibilizar a população para a particularidade da assistência à velhice. Os velhos seriam diferenciados dos que faziam da mendicância uma “profissão”, sendo retratados como vítimas de circunstâncias que os isentavam de responsabilidade pela sua miséria.

Para justificar o “drama” dos asilados do São Luiz, os jornais recorriam a metáforas. Um termo utilizado em várias notícias é o de “náufragos da vida”. A velhice deveria despertar a compaixão. O jornal **A Noite** de 1º de janeiro de 1917 reproduzia o discurso do diretor da instituição, proferido na festa de natal do asilo:

*“Meus velhos ! Mais do que a vossa velhice inválida, mais que a vossa pobreza indigente, compunge-me o vazio, o deserto do vosso coração devastado. ( . . . ) Que é de vossas famílias? Desapareceram, levadas pela corrente de outros destinos; os amigos morreram, os amores extinguiram-se, a vaidade desfez-se... E vossos lares ? Ruíram-se.”*<sup>8</sup>

A imagem do “naufrágio” é precisa em isentar a velhice de responsabilidade pelo seu desamparo. Afinal, que culpa pode ter um “náufrago” pelo seu “naufrágio”? Deste modo, o asilo se configura como instância para o justo e caridoso socorro a estes desgraçados da sorte.

O naufrágio da velhice, no entanto, parecia ir além da simples desculpabilização dos asilados. Os velhos, em algumas imagens, são representados como inerentemente “bons”, pessoas próximas de Deus e que irão para o “paraíso”. Desprovida de maldade e afastada dos aspectos profanos da vida, a velhice é praticamente “sacralizada”, para justificar a sua assistência. “A velhice é santa”, afirmava-se em uma notícia;<sup>8</sup> “não há litígio no limiar da eternidade”, dizia-se em outra.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Jucá, Cândido. A Velhice Desamparada no Asylo São Luiz. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1907

<sup>9</sup> ASYLO da Velhice Desamparada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, set. 1907.

Se não havia culpados pelo desamparo da velhice, a responsabilidade pelo seu amparo deveria ser uma obrigação da sociedade. **A Gazeta de Notícias** de 26 de agosto de 1912, exprime este aspecto, responsabilizando a “humanidade” pelo drama da velhice. Referindo-se ao asilo, diz o jornalista:

*“( . . . ) uma casa onde, velhos de ambos os sexos, encontravam o bem estar e a tranquilidade em vez da fome e do desprezo que a humanidade, em geral, inconscientemente reserva aos animais que não podem mais com a carga”.*<sup>10</sup>

O drama da velhice não discriminava suas vítimas. Mesmo aqueles que foram abastados poderiam vir um dia bater na porta do asilo. Não foram poucos os casos de ricos que tornaram-se “desamparados”. Um desses casos, por sua dramaticidade, tornou-se uma famosa história, repetida em várias notícias sobre o São Luiz. **O Correio da Manhã** de 26 de agosto de 1908 conta a coincidência ocorrida no asilo:

*“( . . . ) há tempos encontraram-se nos jardins, um velho de barbas brancas e uma velhinha preta: “a benção, sinhô !” Saudou a pobrezinha. O homem espantou-se, olhou e reconheceu a antiga escrava. Desde então o velho fugia da antiga serva, doía-lhe aquele encontro.”*<sup>11</sup>

O encontro do homem branco e rico com a mulher negra e pobre carrega uma alta dramaticidade. A “moral” da história parece ser a de que, na velhice, todos são iguais. O encontro do senhor com sua ex-escrava diz muito sobre o asilo: no naufrágio desses velhos, tudo o que foram na vida, suas diferenças e desavenças ficaram no passado. Homogeneizados em sua velhice, donos de escravos são vistos como santos e escravos como iguais.

---

<sup>10</sup> O ASYLO São Luiz para a Velhice Desamparada: a festa de hontem, o público não deve esquecer tão grande instituição. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1912.

<sup>11</sup> Ibidem

#### 4 Imagens da Velhice: a “erosão do tempo”

O “desamparo da velhice”, entretanto, não se devia somente aos revezes do destino. Havia, também, uma causalidade natural: os efeitos do processo de envelhecimento sobre o corpo e a mente. A falta de fortuna poderia acometer a qualquer pessoa. Entretanto, havia algo que tornava os hóspedes do São Luiz especiais: sua velhice.

Visto como degeneração, o próprio envelhecimento tornava-se uma justificativa para a assistência aos desamparados. Nas narrativas que buscavam sensibilizar a população para a importância do São Luiz, a decadência de seus corpos surge como um elemento dramático que torna os “velhos” mais elegíveis do que outros grupos sociais para a assistência. “*Contempla tu, meu caro leitor, uma figura anciã*”, dizia Cândido Jucá em artigo para o Correio da Manhã de 1907, “(. . .) *o que aí se vê é a erosão inclemente e formidável do tempo*”.<sup>12</sup>

Os olhares sobre a velhice ressaltavam diferentes aspectos. O primeiro deles parece ser a aparência física. A velhice passa a ser mostrada como um estado de degeneração, identificável por signos de decadência física e mental. Em seu interessante artigo, Jucá parecia querer ensinar seus leitores a identificar os sinais mais aparentes do envelhecimento. E continua ele:

*“( . . . ) os fios prateados começam a aparecer no alto da cabeça. Depois alvejam nas têmporas e após a canície costuma vir a calvície. A ruga, que é o estigma da pele, não se faz esperar. As próprias pérolas, alvas e brilhantes que guarnecem as bocas purpurinas, que adornam os lábios nacarados, conspurcam-se, gastam-se, abalam e caem. Heis aí os estigmas fatais da anciania humana”*.<sup>13</sup>

As características visíveis da velhice eram, muitas vezes, evocadas para descrever os velhos do São Luiz. Cabeças brancas, corpos encarquilhados, andar trôpego, etc. Entretanto, a velhice não era mostrada como um estado que se mantinha apenas nas aparências. No “drama natural” protagonizado pela

---

<sup>12, 13</sup> JUCÁ, Cândido. A Velhice Desamparada no Asylo São Luiz. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1907.

velhice, a degeneração era ainda mais profunda. E continua Cândido Jucá:

*“( . . . ) continua a descensão para a senectude, que ordinariamente principia aos sessenta anos. Os sentidos embotam-se. A vista diminui. O ouvido endurece-se. A voz perde o timbre agradável, a tonalidade forte, ( . . . ) a inflexão apaixonada, a modulação terna. Os órgãos relaxam-se. A nutrição apouca-se. O coração, o grande nobre e infatigável trabalhador, adoece e quebranta-se.”*<sup>14</sup>

Implacável em sua descrição, Jucá ia até o final:

*“( . . . ) caminha-se assim para a frialdade física e para a frieza moral, avança-se para a glaciação do corpo e para o enregelamento da alma. Vem o ateroma arterial, a degenerescência orgânica, a esclerose patológica. Aparece esse sono precário, que é mais uma sonolência, - doloroso ocaso por onde se passa para o imenso e triste crepúsculo da desoladora e morta decrepidez.”*<sup>15</sup>

Embora os *náufragos da vida* fossem mostrados como inerentemente “bons”, sua *velhice* é mostrada como nefasta. As imagens negativas da velhice parecem encerrar um curioso paradoxo, pois fazem da decadência a qualidade que tornava os velhos elegíveis para o asilo. O asilo talvez tenha sido um ganho para aqueles que envelheciam e se tornavam “desamparados”. Entretanto, o mecanismo que possibilitou esse processo teve um “custo”, ao tachar tais indivíduos com a estigmatização de sua velhice. As palavras de Jucá parecem expressar com precisão esse aspecto:

*“( . . . ) não há nada mais venerável que as ruínas, e a velhez é uma ruína humana. Ainda mais: é uma verdadeira relíquia.( . . . )É a*

---

<sup>14,15</sup> Ibidem.

*esse peregrino da última e irregressável viagem que se deve prestar todo o auxílio. É essa ruína que se há de venerar. É essa relíquia que nos cumpre amar de todo o nosso coração. À assistência pública e à privada incumbe velar pela velhice desamparada”.*<sup>16</sup>

## **5 A Dança das Idades**

A institucionalização da velhice deve ser vista sob o contexto em que as “idades da vida” se tornaram mais claramente delimitadas. A passagem do século XIX para o século XX, foi caracterizada pela demarcação não apenas da velhice, como estágio distinto do ciclo de vida, mas de outras categorias etárias, como a infância e juventude, que se tornaram objetos de práticas e processos institucionais específicos como a pediatria e a pedagogia, por exemplo Katz (1996). Nesse sentido, as imagens da velhice agem no sentido de destacar as suas diferenças em relação às outras fases da vida. Já dizia Cândido Jucá:

*“( . . . ) contempla tu, meu caro leitor, uma figura anciã. Ela não passou baldamente pelos encantos da infância, pelas ilusões da juventude e pela força da virilidade. ( . . . ) Observa os que atingiram a longevidade: ( . . . ) o que era claro entenebrou-se. O que era alegre a tristou-se. O que era ressonante como um hino triunfal é agora surdinate como uma marcha fúnerária. O que era viridente emurcheceu”.*<sup>17</sup>

Ao que parece, não era apenas a velhice que possuía os seus estereótipos. As outras idades também eram representadas, embora não necessariamente de forma negativa. Desse modo, a decadência atribuída à velhice pode ser vista como uma comparação com o corpo adulto, eleito como padrão de saúde e beleza. A relação entre esses “personagens etários” aparece

---

<sup>16</sup> Embora tenham surgido, nessa época, uma série de estereótipos negativos sobre a velhice, isto não significa que antes havia uma “idade de ouro” da velhice, na qual os velhos desfrutariam de um natural respeito das outras gerações.

<sup>17</sup> JUCÁ, op.cit.

nas imagens da velhice. Entretanto, na “dança das idades”, um par parece ter sido privilegiado. Nas imagens do São Luiz, velhice e infância muitas vezes caminham juntas.

Em 1905, o *Correio da Manhã* observa a interação entre velhos e crianças na festa anual:

*“( . . . ) e em torno dos velhinhos um bando garrido de crianças - símbolo da vida exuberante - ia, como os alvares da madrugada, beijando a noite que se esvai, acarinhá-los, com meiguices mil, alisando-lhes com as mãozinhas aquelas faces que a ignomínia do tempo enrugara”*.<sup>18</sup>

A associação entre velhice e infância, “idades” tão cronologicamente distantes, é significativa para nossa análise. O contato corporal que a notícia descreve, entre a mão macia e suave da criança com a áspera e enrugada pele da velhice coloca em evidência as diferenças gritantes entre essas idades. A contraposição entre esses personagens etários parece acentuar o aspecto de degeneração física do envelhecimento. No entanto, nem tudo era diferença, no processo de comparação entre velhos e crianças, pois, curiosamente, surgiam também algumas semelhanças. Confrontados com o modelo infantil, determinados aspectos da velhice passam a ser vistos como um retorno à infância, ou, uma “segunda infância”. Essa infantilização parece estar associada a situações de dependência física ou mental dos asilados. Em 1905, por exemplo, o *Correio da Manhã*, elogiava a boa atuação das freiras no cuidado à velhice:

*“( . . . ) e também, - oh ! As boas e amáveis senhoras - as irmãs dos pobrezinhos ( . . . ). Como não se cansam de cuidar dos velhinhos - verdadeiras mães dessa infância decrépita !”*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> ASYLO da Velhice Desamparada - as festividades de ontem. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1905. Grifo meu.

<sup>19</sup> ASYLO da Velhice Desamparada - as festividades de ontem. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1905. Grifo meu.

A infantilização da velhice revela um pouco o modo pelo qual a nossa sociedade lida com o problema da dependência. Segundo Hockey; James (1995), enquanto a dependência física e mental das crianças é socialmente aceita e até mesmo valorizada, o mesmo não se dá em relação às fases seguintes da vida. Quando aspectos da vida adulta são considerados infantis, isto se dá num sentido pejorativo. A “infância decrépita” do São Luiz parece sugerir a necessidade de tutela sobre os asilados. Desprovidos de sua maioridade, os velhos/crianças têm exacerbada a sua dependência em relação a estrutura asilar.

## 6 O Tempo e o Espaço da Velhice

A associação da velhice com o “passado” é um tema recorrente em várias notícias, como esta de 1910:

*“( . . . ) naquela casa de bondade [o Asilo São Luiz] tudo fala do passado. Os asilados arrastam tristes suas figuras alquebradas, e, trêmulos, enfraquecidos pela idade, só vivem das recordações de eras mortas, de épocas d’antanho, fazendo ressurgirem as lembranças que lhes alimentam as horas do presente triste e enchem-nos de gratas reminiscências ( . . . ), os olhos vítreos, sem luz, ( . . . ), parecem voltados para o tempo já vivido ( . . . ). Os cérebros quase não mais trabalham”.*<sup>20</sup>

De fato, não apenas os velhos eram vistos como presos ao seu passado, mas também a própria velhice surgia como sinônimo de um tempo pretérito. Entrando no São Luiz, o correspondente do *Jornal do Brazil* narra sua primeira impressão ao avistar alguns dos asilados:

*“( . . . ) a sombra de uma velha árvore havia um grupo de velhos: uns de 80, outros de 90, outros de 100 anos. Estava ali o passado.”*<sup>21</sup>

---

<sup>20,21</sup> Nota Ligeira. Sem identificação do Jornal. 1910.

A diferença entre presente e passado parece nos falar também de um contraste entre o mundo fora do asilo e a vida no seu interior. De alguma maneira, ao falar dos asilados, os jornalistas pareciam captar os efeitos da institucionalização. O ingresso no asilo representava um rompimento dos laços sociais, pois o contato com o mundo externo passaria a ser mediado pela instituição. Isolando a velhice do “presente”, o asilo assumiria as feições de uma *instituição total*. Saindo do São Luiz, o emissário do *Jornal do Brazil* não conteve uma expressão de alívio:

“( . . . ) *chegando fora do gradil respiramos nova atmosfera. Deixava-nos o passado. Encontrávamos no presente, cheio de agruras, sob um céu lavado, sob um sol ardente*”.<sup>22</sup>

Embora o asilo de velhos mantivesse as suas portas abertas para a imprensa e recebesse grande número de visitantes nas solenidades importantes, o cotidiano dos asilados parece ter sido caracterizado por um grande distanciamento do “mundo externo”. A separação entre esses dois mundos aparece em outras notícias. Numa delas conta-se uma das muitas histórias ocorridas na instituição. Nessa história, não apenas o São Luiz parecia estar “fora” do mundo, como também não se esperava “regresso” daqueles que lá estivessem. Diz o jornalista:

“( . . . ) *uma exceção houve já no asilo modelar, um caso curioso e engraçado. Uma velha, ali recolhida, havia já certo tempo, era de vez em quando visitada pelo único parente existente cá fora, no mundo. Ela, muito insinuante, muito operosa e prendada, ele, muito acanhado e dócil. Falavam de preferência sobre o passado da família. Ela com ardor convincente; ele com acatamento. Quando foi uma ocasião, a velha chegou-se muito embaraçada à superiora, para confidenciar-lhe um acontecimento: ia sair. - Voltas ao mundo, filha? Não te bastaram as desilusões que tivestes? Onde encontrarás abrigo, nesta idade?*

---

<sup>22</sup> Ibidem.

- *É que ( . . . ) vou me casar. Fica tudo em família. Meu noivo é meu sobrinho. E casaram-se. Ela, velha; ele, novo. Ambos eram solteiros. Onde estarão agora?*”<sup>23</sup>

A história do casamento da asilada é também uma das raras menções à sexualidade dos asilados. Tidos como anjos ou santos, os velhos do São Luiz parecem ser desprovidos de sexualidade. A exceção que confirma a regra é justamente o caso da ardorosa asilada, que justamente através do exercício da sua sexualidade construiu o caminho que a levou de volta ao “mundo” e à “vida”.

### **7 O Lugar da Velhice e a Velhice como Lugar**

As notícias dos jornais parecem deixar claro que a velhice ganhara um “lugar”, na cidade. Situado na ponta do Caju, o Asilo São Luiz era esse “lar” para os velhos. No entanto, se nada se esperava da velhice, como demonstram as imagens que exacerbam a sua degeneração, do asilo também não era esperado que oferecesse qualquer tipo de atividades ou terapêuticas para aqueles que lá estivessem. Bastava que fosse um local para o descanso. Carlos de Laet, para o *Paiz* de 1909, fala sobre isso:

*“( . . . ) naquela casa não há trabalho obrigatório. Não é uma penitenciária, é um lugar de refrigério e repouso. Tem-se falado muito no jardim de infância; aquilo é o jardim da velhice. Trabalha quem pode e quer. Nem tampouco há reclusão. Os asilados é que quase não saem, porque em nenhuma parte estão melhor do que ali. Pelos amplos e ajardinados terrenos, circunvizinhos ao edifício, livremente eles passeiam, espairecendo a vista - os que ainda vêm! ( . . . ) Que bela ocasião para ver coisas que nos falam do céu: a caridade que de lá desce, e os pobres velhos que para lá vão subindo!”*<sup>24</sup>

<sup>23</sup> OS VELHOS - para um pé doente um chinelo... novo; até as pedras se encontram. *A Noite*. Rio de Janeiro, 5 dez. 1916.

<sup>24</sup> LAET, C. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 1909.

Podemos pensar, entretanto, que a “localização” da velhice não era apenas geográfica, mas também simbólica. Nesse sentido, o asilo era visto como uma espécie de “limbo”, onde a velhice se encontraria fora do tempo e do espaço: *sacralizada*, encontrava-se entre o céu e a terra; *vista como degeneração*, entre a vida e a morte; *alienada do mundo*, entre o passado e o presente... Com o surgimento do asilo, a velhice ganhava um “lugar”, mas ao mesmo tempo perdia, simbolicamente, o seu lugar na vida.

## 8 Conclusão

As notícias de jornal tinham por alvo a divulgação do trabalho realizado no Asilo São Luiz. Entretanto, podemos dizer que elas ultrapassaram em muito a sua pretensão original, pois falavam sobre a própria velhice, tal como esta passou a ser representada no Rio de Janeiro da época. Na virada do século, o surgimento do Asilo São Luiz ilustra um processo em que a fase da vida denominada “velhice” ganhou contornos mais definidos e alcançou grande visibilidade social. No transcorrer do século XX, entretanto, os asilos deixaram de ser uma novidade e passaram a figurar cada vez menos nas notícias de jornal. A fama conferida à velhice asilada paulatinamente foi substituída por uma invisibilidade. O silêncio sobre os asilos de velhos só seria quebrado por breves trovoadas, como o escândalo da Clínica Santa Genoveva, em 1996. Nestes tempos recentes, entretanto, a institucionalização da velhice não seria mais gerenciada apenas por cavalheiros dispostos a praticar a filantropia. As imagens da velhice, também, seriam bem diferentes daquelas do início do século.

A imagem de John Glenn, na capa da **Time** de agosto de 1998 ilustra os novos significados atribuídos ao envelhecimento, nesse fim de século. Voltando ao espaço, aos 77 anos, o homem que foi o primeiro americano a entrar em órbita da terra, é tratado como um herói. Dos náufragos da vida ao astronauta geriátrico, anos luz parecem ter se passado. Podemos considerar o vôo de John Glenn como a imagem de uma “nova velhice”, surgida com a invenção da “terceira idade”, nos anos 70.

De certa forma, o surgimento da “terceira idade” pode ser considerado como uma tentativa de rompimento com as imagens negativas da velhice que,

como vimos, predominavam no início do século. Diferentemente da “velhice”, a “terceira idade” se caracterizaria por ser uma fase da vida em que as pessoas aproveitariam intensamente o seu tempo, na busca de realizações pessoais. O lazer, os cuidados com o corpo e a saúde, a ampliação do círculo social e até mesmo o exercício da sexualidade parecem estar presentes nessas novas representações sociais do envelhecimento. Os termos são importantes: a “velhice” é substituída pela “terceira idade”, e os “velhos” tornam-se “idosos”.

O contraste entre as velhas e novas imagens da velhice nos mostra como o contexto sócio-cultural é relevante para pensarmos o envelhecimento. Indo mais além, poderíamos dizer que tal contexto influi, grandemente, na própria forma como as categorias etárias estão estruturadas (Fortes, 1984). Isto nos leva a afirmar que a velhice não é uma categoria natural, como muitas vezes afirmam especialistas da biogerontologia e da antropologia biológica (Groisman, 1997). Tal afirmação, no entanto, não implica em desconsiderarmos a importância dos atributos biológicos na construção das categorias etárias. De fato, é preciso fazermos as pazes com a biologia. Embora todo o movimento em torno da “terceira idade” contribua para a melhoria da qualidade de vida de muitos, a crítica que tem sido feita é que os efeitos da cultura têm sido superestimados. No propagandismo em torno do envelhecimento saudável representado pelos seus “estereótipos positivos”, a “terceira idade” parece negar os problemas físicos ou mentais decorrentes do envelhecimento avançado. Na verdade, a maioria dos programas e instituições voltadas para esse segmento parece privilegiar um tipo específico, o “idoso jovem”, pessoas com pouco mais de 60 anos e boas condições de saúde. Debert chama a atenção para este aspecto, salientando que o envelhecimento bem sucedido e inovador “(. . .) não pode fechar o espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em consequência do descuido pessoal”. (Debert, 1997, p.51).

A mídia tem privilegiado os “heróis do envelhecimento.”<sup>25</sup> Talvez a invisibilidade das instituições asilares se deva a isso, em parte, visto que os

---

<sup>25</sup> Featherstone (1995) chama de *heroes of aging* às imagens difundidas pelos meios de comunicação que mostram pessoas que, frente ao processo de envelhecimento, parecem permanecer “eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento geral” (1995, p.227)

velhos institucionalizados dificilmente se encaixam nas imagens da terceira idade. Desse modo, ao invés dos asilos, os jornais preferem divulgar as novas formas de institucionalização do “idoso” - centros de convivência, universidades da terceira idade e outros. Esse mecanismo é extremamente perverso, pois, no Brasil, o modelo asilar está longe de ter sido abandonado. É verdade que muitas instituições oferecem serviços de qualidade e em diversos países desenvolvidos (Inglaterra e Estados Unidos, por exemplo) os *nursing homes* ocupam um lugar importante no sistema de assistência à velhice.<sup>26</sup> Entretanto, a ausência de discussão e regulamentação sobre o assunto, no Brasil, expõe o campo da institucionalização da velhice a uma situação deplorável, em que a qualidade do atendimento parece depender unicamente do senso de ética dos proprietários desses estabelecimentos.

Os novos e velhos estereótipos da velhice parecem mostrar o quanto a nossa sociedade age no sentido de tentar tornar homogêneos os grupos etários. Talvez esteja faltando permitir àqueles que envelhecem a liberdade da heterogeneidade. Derrubar algum desses mitos poderia ajudar a diminuir a dicotomia entre o horror às situações de dependência física ou mental e o alucinado frenesi dos “jovens da terceira idade”. Com isso, talvez a velhice pudesse ter restituída um pouco de sua humanidade, escondida em torno dos aparatos institucionais que se criaram ao seu redor.

### **Referências Bibliográficas**

- 1 ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981. 279 p.
- 2 ASYLO da Velhice Desamparada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, set. 1907.
- 3 O ASYLO São Luiz para a Velhice Desamparada: a festa do [?], o público não deve esquecer tão grande instituição. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 ago. 1912.

---

<sup>26</sup> Kaiser Jones (1981) oferece uma razoável descrição (embora talvez já desatualizada) dos modelos inglês e norte-americano de assistência à velhice, que possuem filosofias totalmente opostas quanto à utilização das instituições asilares.

- 4 ASYLO da Velhice Desamparada: as festividades de ontem. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1905.
- 5 COHEN, Lawrence. Não há Velhice na Índia: os usos da gerontologia. **Textos Didáticos**, Campinas, v.1, n.1, n.13, p.73-134. mar.1994.
- 6 DEBERT, Gita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 39-56, jun. 1997.
- 7 DEBERT, Gita Grin; SIMÕES, Julio Assis. A Aposentadoria e a Invenção da “Terceira Idade”. **Textos Didáticos**, Campinas, v.1, n.1, n.13, p.31-49 mar.1994.
- 8 FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX**. São Paulo, Hucitec, 1996. 188 p.
- 9 GROISMAN, Daniel. **A Infância do Asilo**: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da Virada do século. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva.
- 10 GROISMAN, Daniel. Velhice e História: perspectivas teóricas. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, p.43 – 56, 1999.
- 11 GROISMAN, Daniel. A Velhice entre os Animais: da Gerontologia à Antropologia Social. **Série Estudos em Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n.157, set.1997.
- 12 HOCKEY, Jenny; JAMES, Allison. Back to our Futures: imaging second childhood. In: FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andrew (Orgs.). **Images of Aging**: cultural representations of later life. London, Routledge, 1995. p.135-148.
- 13 JUCÁ, Cândido. A Velhice Desamparada no Asylo São Luiz. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1907.
- 14 KAISER-JONES, Jeanie Schmidt. **Old, Alone and Neglected**: care of the aged in Scotland and United States. Berkley, University of California Press, 1981. 151p.
- 15 KATZ, Stephen. **Disciplining Old Age**: the formation of the gerontological knowledge. Charlottesville, University Press of Virginia, 1996. 209p.
- 16 LAET, Carla de. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1909.

- 17 LEIBING, Annete. A Antropologia de uma Doença Orgânica: doença de Alzheimer e fatores culturais. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, p.157-174, 1997.
- 18 LEIBING, Annete. Olhando para Trás: os dois nascimentos da doença de Alzheimer e a senilidade no Brasil. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v.1, p.37- 56, 1999.
- 19 MACHADO, Roberto et alii. **Danação da Norma: Medicina Social e constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal. 1978. 559p.
- 20 NA PONTA do Cajú - Asylo São Luiz. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1908.
- 21 O PAÍS só conta Trinta e Quatro Gerontologistas. **Promoção Social**, v.1, n.15, p.33-34, 1972.
- 22 A VELHICE Desamparada no Asylo São Luiz. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1908.
- 23 OS VELHOS: para um pé doente um chinelo...novo; até as pedras se encontram. **A Noite**, Rio de Janeiro, 5 dez. 1916.
- 24 VILARDO, Roberto. Problemática da Velhice sob Aspecto Psiquiátrico. **Promoção Social**. São Paulo, n.15, p.35-49, 1972.